

OBRAS ^{1.}
POSTHUMAS
DE
NICOLÃO TOLENTINO
DE ALMEIDA.



LISBOA, 1828.

NA TYPOGRAPHIA ROLLANDIANA.

~~~~~  
*Com Licença da Mesa do Desembargo  
do Paço.*





*A Sua Alteza:*

**S O N E T O R**

**T**ornai, tornai, Senhor, ao Tejo undoso, (te,  
Vinde honrar-lhe outra vez a clara enchente  
E deixai que ajoelhe entre a mais gente  
Hum protegido humilde, e respeitoso.

Não leva a vossos pés rogo teimoso  
De importuno cansado pertendente;  
Vem beijar-vos a mão humildemente,  
A mão augusta que o fará ditoso.

Pois foi por Vós benignamente ouvido,  
Não vai fazer em pertença estudo,  
Vai só mostrar-vos que he agradecido.

Ante Vós ajoelha humilde, e mudo:  
Mostrai-lhe que inda he Vosso protegido;  
Que se isto lhe ficou, ficou-lhe tudo,

*A Sua Alteza:*

## SONETO II.

Qual naufrago, Senhor, que foi alçado  
 Por mão piedosa d'entre as ondas frias,  
 Tal eu de antigas duras agonias  
 Por vossas Reaes mãos fui resgatado:

Pois vencestes as teimas do meu fado,  
 E já vejo raiar dourados dias,  
 Deixai que possa em minhas poesias  
 O vosso Augusto Nome ser cantado.

Não he digna de vós minha escriptura,  
 Nem harmonia, nem estilo a adoça;  
 Mas valha-lhe, Senhor, vontade-pura.

Príncipe excelso, consenti que eu possa  
 Fazer inda maior minha ventura,  
 Contando ao mundo que foi obra Vossa:

*Sahindo Conselheiro da Fazenda o Illustris-  
simo, e Excellentissimo Senhor D. Dio-  
go de Noronha.*

**S O N E T O III.**

**N**em sempre em verdes annos a impruden-  
Produz irregular procedimento: ( cã  
Nem sempre encontra o humano entendi-  
Só perto do sepulcro a sã prudencia.

**Em Vós não esperou a Providencia**  
Que longas cans vos dêm merecimento:  
Em Vós mostrou que estudos, e talento  
Valem mais do que a larga experiencia.

**Os eruditos velhos Conselheiros,**  
Depois que o vosso voto alli for dado,  
Serão de Vós eternos pregoeiros:

**E dirão que deveis ser escutado**  
Onde os Ministros vossos companheiros  
Não sejam da Fazenda, mas do Estado.

*Aos teques mui pequenos, chamados Marotinhos.*

S O N E T O IV. (\*)

Fofo colchão, as plumas bem erguidas,  
E sobre os hombros nas jucundas frentes  
De enrolado cabello anneis pendentés,  
Longos chorões, bellezas estendidas,

Era esta das matronas presumidas  
A moda, que trazião bem contentes;  
Riã-se dellas as modestas gentes  
Vendo pequenas poupas esquecidas.

Nisto a gentil Madama aperaltada,  
Grande auctora de trastes exquisitos,  
Nova moda lhe inventa abandalhada.

Reprova-lhe aureos leques com mil ditos.  
Eis senão quando (oh moda endiabrada!)  
Abanão-se com azas de mosquitos.

---

(\*) *Duvidoso.*

*O cruel disfarce!***S O N E T O V.**

Sem murmurar padecerei callado  
 Cumprindo o teu preceito violento:  
 Faltava a envenenar o meu tormento  
 Dever ser por mim mesmo disfarçado.

De trazer b' semblante socegado  
 Farei o inculpavel fingimento:  
 Nos olhos mostrarei contentamento,  
 Tendo hum punhal no coração cravado.

Este peito onde nunca engano viste,  
 Que não sabe a vil arte de affectar-se,  
 Onde a verdade, e a intacta fé existe,

Martyr do amor, e do infiel disfarce,  
 Nas tuas adoraveis mãos desiste  
 Té dos tristes direitos de queixar-se!

*Ao Illustrissimo, e Excellentissimo Senhor  
Visconde de Ponte de Lima, Secretario  
de Estado.*

**S O N E T O V R**

**A** longa cabelleira branquejando,  
Encostado no braço de hum Tenente,  
Cercado de infeliz chorosa gente  
Hia passando o velho, venerando. (a)

Geraes repostas para o lado dando:  
« Sim Senhor; Bem me lembra; Brevemente  
Na praguejada mão omnipotente ( te; »  
Nunca lidos papeis hia accitando.

Mas eu que já esperava altas mudanças,  
Melhor tempo aguardei, e na algibeira  
Metti a Petição, e as esperanças.

Chegou, Senhor Visconde, a *viradeira*;  
Soltai-me a mim tambem destas crianças,  
Onde tenho o meu Forte da Junqueira.

---

(a) *O Marquez de Pombal.*

*Fazendo Annos a Illustrissima, e Excellen-  
tissima Senhora Marquezã de Angeja.*

**S O N E T O VII.**

Senhora, ha muito tempo pertendia  
Ser do vosso favor patrocinado :  
Mil vezes vos quiz dar este recado ;  
Porém sempre o respeito me impedia.

Chegou em fim o venturoso dia:  
A fazer beneficios destinado :  
Vou neste privilegio confiado ;  
Que a não ser isso não me atrevera :

Vou pedir que descendo da Cadeira ,  
Onde explico os crueis Quintilianos ,  
Me ensineis a tomar melhor carreira.

Que em mim ponhais os olhos soberanos ,  
E que me chegue em fim a *viradeira* \*  
No faustissimo dia destes annos.

---

\* *Tem allusão ao Soneto VI.*

*Aos Annos do Illustrissimo, e Excellentiss.  
simo Senhor Conde de Avintes.*

**S O N E T O V I I I .**

**A** varonil idade florecente  
Vos tece, illustre Heróe, annos dourados  
Para terem á Patria consagrados ;  
Pois sols de Almeidas claro descendente.

Sobre as terras, e mares do Oriente  
Inda vejo os trofeos alevantados ;  
Vejo beber mil corpos aboiados  
Do turvo Gange a fervida corrente.

No difficil caminho d'honra, e gloria  
Por ferro, e fogo a seus bons Reis servindo,  
Vos deixão por doutrina a sua historia.

Forão diante o duro passo abrindo:  
Entrai, Senhor, no Templo da Memoria,  
Os bons Avós, e o illustre Pai seguindo.

*Estando nas Caldeas.*

S O N E T O IX.

**P**or mais que vos alongue olhos cansados,  
Olhos ha tanto tempo descontentes,  
Nãõ vedes mais que pallidos doentes  
Por mãos estranhas n'agoa sustentados.

**Q**uantas vezes ficastes magoados  
Por ver ir entre as fervidas correntes  
Envolvidas mil lagrimas ardentes  
Do que em vão quer alçar braços mirrados!

**V**istas são estas de bem pouco gosto:  
Porém bem pagos ficareis hum dia  
Quando virdes de Arminda o lindo rosto.

**E** o pranto, que atégora vos cahia  
De lastima, d'auzencia, e de desgosto,  
Ella o fará correr; mas de alegria.

*A huns Annos*

**S O N E T O X.**

Foi este o dia em que a teus pés baixarão  
Venus, e as lindas Graças innocentes,  
E em torno do aureo berço reverentes  
Ao som de alegres hymnos te embalarão.

Aos teus olhos gentis communicarão  
Cruel poder de conquistar as gentes:  
Mil suspiros, mil lagrimas ardentes  
A muitos corações prognosticarão.

Dêrão-te huma alma heroica, hum nobre pei-  
Dêrão-te discrição, e formosura, ( to :  
Dons a que o mundo está mui pouco afeito.

Mas, oh humana sorte, triste, escura!  
Para na terra nada haver perfeito,  
Dêrão-te hum coração de pedra dura.

*Ao disfarce das Mulheres.*

## SONETO XII

Vens de balde, oh bellissima perjura,  
 C'ô lindo rosto em lagrimas banhado:  
 Já fui por ti mil vezes enganado,  
 E sempre me affectaste essa ternura.

Esse alvo peito, que he de neve pura,  
 Mas de aço, e fino bronze temperado,  
 Encobre hum coração refalstado,  
 Hum coração de viva rocha dura.

Em vão trabalhas, se enganar-me queres,  
 Vejo correr com animo sereno  
 Esse pranto em que fundas teus poderes:

Mal inventado ardil: ardil pequeno:  
 Tu mesma me ensinaste, que as mulheres  
 Misturão com as lagrimas veneno.

*A huma Camponeza.*

S O N E T O XII.

Não morão em palacios estucados  
Almas singelas, almas extremosas:  
Nutrem da Corte as damas enganosas  
Em tenros peitos corações dobrados..

Venhão por longos mares conquistados.  
As Indianas sedas preciosas:  
Cubirão-lhe as carnes alvas, e mimosas:  
Ricos vestidos em Paris bordados..

São isto effeitos da arte, e da ventura:  
Estimo mais que toda a vã grandeza  
Hum limpo coração, huma alma pura.

Não na Corte; das serras na aspereza  
Fui achar innocencia, e formosura,  
Sagrados dons da simples Natureza.

*A hama Dama interesseiro:*

S O N E T O XIII.

**P**odão ser felices meus amores  
Quando por ouro o amor se não vendia :  
Já de palavras Nize desconfia ,  
Só crê ou em dinheiro , ou em penhores .

**V**io-me assaltado d'ancias , e temores  
Quando na porta irada mão batia :  
Por costume infeliz ella sabia  
Que era algum dos cansados acredores .

**F**orão-se os dias bemaventurados ,  
Em que só almas grandes , peitos nobres ,  
Erão do Deos de amor agasalhados :

**N**egro destino hoje preside aos pobres :  
Poz termo a bella Nize aos seus agrados ,  
Vendo esta bolça condemnada a cobres .

*Ao faustissimo dia da Inauguração da Estatua Equestre d'El-Rey Fidelissimo e Senhor D. José I.*

**S O N E T O XIV.**

**Em quanto o Reino cheio de ternura  
Ao grande Bemfeitor te ha consagrado,  
E respeita aos teus pés ajoelhado,  
O Rey Augusto de quem és figura:**

**Em quanto os que me vencem em ventura  
Abrindo o antigo cofre chapeado,  
Mandão de prata, e d'ouro recamado  
Entretecer a rica vestidura:**

**Eu que não tenho desta louçania,  
De outra sem pejo sahirci composto,  
Que não cede á mais fina pedraria.**

**São ternissimas lagrimas de gosto:  
Nem infama o triunfo deste dia  
Quem põe por gala a oração no resto;**

*Descripção de Badajoz.*

**S O N E T O X V.**

**P**assei o Rio, que tornou atrás,  
Se acaso he certo o que Camões nos diz,  
Em cuja ponte hum bando de Aguazis  
Registrão tudo quanto a gente traz.

**S**egue-se hum largo, em frente d'elle jaz  
Longa fileira de baiucas vis:  
Cigarro aceso, fumo no nariz,  
He como a companhia alli se faz.

**A** cidade por dentro he fraca rez,  
As moças põem mantilhas, e andão sós,  
Tem boa cara; mas não tem bons pés.

**I**sto, coifas de prata, e de retroz,  
E a cada canto hum sordido Marquez,  
Rei-tudo quanto vi em Badajoz.

*A' Serenissima Princeza entrando no banho.*

S. O. N. E. T. O. XVI.

Nynfas do Têjo já por mim cantadas;  
vi Nossa Augusta Princeza está presente;  
Pedi-lhe, que honre a placida corrente,  
E as agoas ficarão mais prateadas.

Diante de seus pés ajoelhadas  
Em justo acatamento reverente,  
Serenem vossas mãos a clara enchente,  
E as frias agoas corraõ temperadas.

Sobre as ondas as frentes levantando,  
Ao tempo que as douradas tranças bellas  
Brandamente lhe fordes enxugando,

Dizei-lhe, que sustento Irmãas donzellas,  
Outras viuvas; e ide-lhe lembrando,  
Que o bem que me fizer he feito a ellas.

*Levantando-se o Author da meza de hum  
Grande por serenhoras de ir para a Aula.*

S O N E T O XVII.

Não tomando em desprezo o escuro estado  
Em que me poz Fortuna, e Natureza,  
Olhastes sem horror minha baixeza,  
E fizestes sentar-me ao vosso lado.

Então de ingrata obrigação chamado  
Deixei á força a companhia, e a meza,  
E inda cheio de ideias de grandeza  
Vim dar por theina hum Verbo conjugado.

Não sei com dous oppostos conformar-me;  
Soffrem-me os Grandes, sou taful, e moço,  
Não sei a *Senhor Mestre* costumar-me.

Tães extremos, Senhor, unir não posso:  
De dous genios não sou: mandai fechar-me  
Ou a minha Aula, ou o Palacio vossò.

*Ao Excellentissimo Senhor Marquez de Penalva chegando o A. á quinta das Lapas,*

**S O N E T O XVIII.**

**H**um triste fatigado caminhante  
Chega a Vós, Illustrissimo Penalva;  
Co'a mão na espada a Augusta Casa salva;  
Segundo as leis de cavalleiro andante.

Sobre ronceiro fraco Rocinante,  
Que pesca a dente encontradiça malva,  
Por duras rochas, por areia calva  
Cem vezes pronta morte vio diante.

Cuidando achar aqui melhores fados,  
Aos pés de outro Rocim, por novo caso,  
Quasi que vio seus dias acabados.

Quiz correr junto a Vós sobre o Pegaso a  
Cahio, e por sinal colheis regados  
Do sangue seu os louros do Parnaso.

*Descripção de hum Peralta amaltezado.*

## S O N E T O XIX. (\*)

**H**um vulto cuja fôrma desconsola  
 Pelo muito que mostra o pouco sizo,  
 E que pela pobreza do juizo  
 Mil trastes exquisitos desenrola:

**C**hapeo que bem carregá hum mariola,  
 E que ainda aos sizudos causa rizo,  
 Cazaquinha cortada de improvizo,  
 Fivela que lhe vem de sola a sola:

**E**spantalho que em praça nunca falta  
 Sem ter occupação nem má, nem boa,  
 Que apenas moça vê logo lhe salta:

**E**is-aqui, sem medir qualquer pessoa,  
 Breve quadro de hum misero Peralta,  
 Que affecta de Maltez cá em Lisboa.

---

(\*) *Duvidoso.*

*Aos Annos do Serenissimo Principe Nosso  
Senhor.*

SONETO XX.

Foi este, Alto Senhor, o santo dia,  
O Ceo o concedeo, o Ceo que he justo;  
Afflicto o Povo, posto em dôr, e em susto  
Com lagrimas ardentes lho pedia.

O fertil Ganges nas entranhas cria  
Offertas para Vós, Principe Augusto,  
E ajoelhado na praia o Povo adusto  
Rico thesouro a vossos pés envia.

Ao Reino tecereis dias dourados,  
Sem precisar que os Fastos Lusitanos  
Vos contem as acções dos Reis passados.

Ponde os olhos nos vivos Soberanos,  
Estudai-lhe as doutrinas, e os cuidados,  
E a patria acclamará os vossos Annos.

*A hum Leigo Arrabido vesgo , despedido da Meza do S. C. P. Silva , por tomar a melhor pera da Meza. He o de que se trata nas Decimas , Tom. II. pag. 178 , Ferio sacrilega espada.*

## S O N E T O XXI.

O vesgo monstro que co'a gente ralha,  
E de-manhã a todos atravessa,  
A cuja hirsuta sordida cabeça  
Nunca chegou juizo, nem navalha;

Que os gazeos olhos pela meza espalha,  
Por ver se ha mais comer que tire, ou peça,  
Entrando nelle com tal fome, e pressa  
Qual faminto frizão em branda palha;

Por crimes de alta gula, e pouco sizo,  
De meza bem servida, mas severa,  
Foi n'hum dia lançado de improviso,

Hoje chorando o seu perdão espera:  
Perdêrão dous glotões o Paraiso,  
O antigo por maçã, este por pera.

*Aos toucados altos*

**S O N E T O XXII. (\*)**

**F**oi se Manique hum homem acurador  
Por contrabandos ter; elle sciante  
Chama a quadilha, corre diligente,  
Entre, busca, e não acha o Malsimado;

**A**cha a mulher, que tinha por toucado  
A torre da Belem: ella que o sente,  
Banhada em pranto, desmaiada a frente,  
Prostra por terra o corpo delicado.

**C**'o bofé se esbandalha a mata escura;  
Sabem della esguiões, caças lavradas,  
E de bebbute triata e huma poça,

**F**ivelas, espadins, vendas bordadas;  
Até tinha escondido na cabeça  
O marido, e tres arcas encouradas:

---

(\*) *Duvidoso.*

*Mettendo a ridiculo humas contradanças:*

**S O N E T O XXIII.**

**N'huma tremula sala mal armada  
Com placas velhas, e papel pintado ;  
Clamava já o povo alvorçado  
Que fosse a Favorita começada.**

**Guincha em venal rabeça desgrudada  
De velho musico o arco estuporado :  
Cadeia, grita hum muito susado,  
Olhem que vai a contradança errada.**

**Nervoso chiapo, saberosas frutas  
He fazenda que alli nunes governa:  
Aquellas bocas andão sempre enxutas.**

**Nunca mais alli tórno a fazer perna:  
Quanto mais vai o ir com quatro trutas  
Fazer huma função n'huma taberna.**

*Por occasião de estranharem ao Author hum  
sonho que a ninguem offendia.*

S O N E T O XXIV.

Atiça, ó moço, a moribunda chama  
Desta faminta, sordida candêa,  
E encostado á parede cabecêa,  
Posto de guarda ao pé da minha cama.

Se o sono, que em meus olhos se derrama,  
E os languidos sentidos me encadêa,  
Tentar com sonhos esta pobre idéa,  
Em altos gritos por meu nome chama:

Assenta-me na cara essas mãos frias:  
Pois ves o fructo, que sonhando tiro,  
Corta em raiz traidoras fantasias.

Contra os sonhos desde hoje me conspiro:  
Se ao primeiro me dizem heresias,  
Em sonhando outra vez pregão-me hum si-  
( ro !

*A' moda dos chapéos maiores da marca.*

S O N E T O . XXV.

**A** migo, e Senhor meu, de França; ou Malta  
 Hum chapeo mande vir a toda a pressa;  
 A cópa que me ajuste na cabeça;  
 Mas as abas na fôrma a mais peralta.

**A** detraz que me fique muito alta,  
 A prezilha, e botão pequena peça:  
 Estimarei que disto não se esqueça;  
 Que a demora me faz bastante falta.

**G**ostei muito do invento, he bem traçado,  
 Porque vi no Loreto hum-certo dia  
 Muito povo a correr para o Chiado,

**P**ara ver hum Senhor, quem tal diria!  
 C'hum chapeo de tal forma desmarcado  
 Que nem a gente a pó passar podia.

*As fivelas chamadas a la Chartres*

**S O N E T O XXVI.**

**O**h quantos Mexicanos patações,  
Marecos talheres já sem par,  
A tonta Avó o neto vai furtar  
De moventos decrepitos caixões !

**F**undidos em quadros fivelões  
Para á Chartres o neto passear,  
Traz nos pés a baixela singular  
Que podia servir em correões.

**C**apitão Vento-Sul, rês Hollandes,  
Que de prata subtil pequenos ós  
Servem só de fivelas nos teus pés,

**V**em admirar-te, vende que entre nós  
Traz o pobre peralta Portuguez  
Por fivelas molduras de tremós,

*A hume Velha prevenida,*

**S O N E T O   X X V I I .**

**D**e balde sobre a face encarquilhada  
 Pendendo louros bugres emprestados,  
 Dás ainda ao louco amor teus vãos cuidados,  
 Em carmins enganosos confiada.

**P**ostixa formosura, em vão comprada,  
 Não torna atrás os annos apressados:  
 Nem alvos dentes de marfim talhados,  
 Tornão em nova a tremula queixada.

**D**e ti no mesmo tempo que do Gama  
 Cantou mil bens a Deosa Trombeteira,  
 A que os baixos Poetas chamão Fama:

**P**orém sempre ficaste em boa esteira;  
 Porque, se já não prestas para dama,  
 Inda serves mui bem como terceira.

*Aos Annos de hama formosa Damas.*

S O N E T O XXVIII.

Deixai, Pastores, na montanhã os gados;  
Vinde ao sitio melhor desta campina  
Beijar a mão á bella, e peregrina  
Deidade tutelar dos nossos pradós:

Vinde offertar-lhe aos annos celebrados  
O cravo, a roza, a angelica, a bonina;  
E ao mais suave som da flãuta fina  
Decantar seus illustres predicados.

Mas já a cercão pastores, e pastoras;  
Huma lhe beija a mão, outra o vestido;  
Elles a coroão de vistosas flores,

E em doces vozes todo o rancho unido  
Canta que ella he a Deosa dos Amores;  
Pois tem no rosto as settas de Cupiddo.

*A Sua Alteza;***S O N E T O XXIX.**

**N**esta cansada triste poesia  
 Vedes, Senhor, hum novo pertendente,  
 Que aborrece o que estima toda a gente,  
 Que he ter no mundo cargos, e valia.

**S**obre alto throno ha annos que regia  
 De docil povo turba obediente:  
 Mas quer antes sentar-se humildemente  
 N'hum banco da Real Secretaria;

**Q**ual modesto Capucho reverendo,  
 Que em fim de Guardiania triennial  
 Passa a Porteiro as chaves recebendo.

**E**m mim: conheço vocação igual:  
 E co'a mesma humildade hoje pertendo  
 Passar de Mestre a ser Official.

*A hum Padre Guardião:*

**S O N E T O   X X X .**

**M**eu Padre Guardiãõ, que exemplarmente  
Regeis essa Capucha Sociedade,  
Que munida do v<sup>o</sup> da Santidade  
Passa como não passa a mais da gente :

**V**ós que á força de braço omnipotente  
Fazeis tremer do inferno a potestade,  
E aos exorcismos só de hum vosso Frade  
Se explica o Demo em Portuguez corrente :

**L**ogo que dessa estola o forte escudo  
Buscar esbelta Nympfa, que atacada  
Seja d'algum Demonio surdo, ou mudo,

**M**andai dos Márques conta a trapalhada : (a)  
Pois só elle, que foi o que urdiu tudo,  
Sabe quem commetteo a velbacada.

---

(a) *Os Márques comprãõ em Lisboa  
humas casas a certo homem da mesma por  
preço exorbitante : feita a escritura, e pas-  
sado o dinheiro em cartuxos, voltou bre-  
vemente o vendedor dizendo que indo em ca-*

*Em louvor de Caporalini, Actor do Theatro de S. Carlos.*

**S O N E T O XXXI.**

No grão Theatro vejo sempre enchentes:  
As cans annosas, os cabellos louros,  
Illustradas nações, barbaros Mouros,  
Todos da tua voz ficão pendentos.

Que importa que não deixem descendentes  
Teus ex-viris deshabitados couros;  
Que importa que tu roubes aos vindouros  
Se enriqueces, se encantas os presentes?

Não he traição ao sexo feminino;  
He só razão quem te elogia, e preza,  
Comico Mestre, Musico divino.

Oh: niação de harmonia, e de crueza!  
O teu ferro nem sempre he assassino:  
Não insultou, honrou a natureza.

---

*sa a contar os cartuxos achára cobre, e não  
ouro. Quem compra por preço tal, parece  
que não faz ténção de pagar: Quem vende  
por tal preço, parece ter demasiada cubi-  
ça. Todos estavam em boa reputação.*

*Achando-se o Author prezo dos bellos olhos de  
Marcia.*

S O N E T O XXXII:

**Eu vi a Marcia bella, vi Cupido  
Com arco, settas, e cruel aljava;  
Com impeto sahir de donde estava,  
E voar para mim enfurecido.**

**Fugí; bradei: porém não fui ouvido;  
E o tyranno Rapaz que me buscava,  
Com huma, e outra setta me atirava.  
Até de todo me deixar rendido.**

**Atou-me as mãos com asperas cadeias,  
Sem o mover o sangue que corria.  
Do roto coração, das rotas veias.**

**Antes, com frio rizo me dizia:  
& E não sabias tu, que Amor receias,  
Que nos olhos de Marcia Amor vivia?**

*Sobre a Ingratidão de huma Dama:*

S O N E T O XXXIII.

**C**oração, de que gemes, de que choras?  
Que parece tens odio á propria vida!  
Se perdeste teu bem, foi mão perdida,  
Com te pôr a morrer nada melhoras.

**E**u bem sei que a belleza a quem adoras,  
Foi-te ingrata, e cruel, foi fementida;  
Mas que esperavas tu, se he lei sabida  
O mudar-se a Mulher todas as horas.

**S**ocega, Coração, deixa a tristeza;  
Quem te mandou querer com fé tão pura,  
Quem te mandou mostrar tanta firmeza!

**E**rraste, tem paciência, em fim procura  
Não fazer por Mulher jámais fineza,  
Acharás mais amor, maior ventura.

## CANTIGAS

*Feitas nas Caldas com o Etribilho :*

*Negras tristezas,  
Adeos, adeos.*

Não ha nas Caldas  
Melancolia,  
Dão alegria  
Os ares seus.  
*Negras tristezas,  
Adeos, adeos.*

Sara-me a terra,  
E não as agoas :  
Não curão magoas  
Os banhos seus.  
*Negras &c.*

Huns lindos olhos,  
Que o dia aclarão,  
Afugentárão  
Os males meus.  
*Negras &c.*

Brandos sorrizos  
A furto dados  
Fazem dourados  
Os dias meus.  
*Negras &c.*

Se entra nos banhos  
Marilia bella,  
Entra com ella  
O cego Deos.  
*Negras &c.*

Alli tempéra  
Nas agoas puras  
As pontas duras  
Dos ferros seus,  
*Negras &c.*

Enxuga as tranças  
Da Nynfa loura,  
E nellas doura  
Os farpões seus.  
*Negras &c.*

Caldas ditosas  
Teu nome cresça,  
Alça a cabeça  
Até os Ceos.  
*Negras &c.*

O pobre Anfriso,  
Que estas calçadas  
Deixou regadas  
Dos olhos seus,  
*Negras &c.*

Hoje em triunfo  
De seus pezares  
Levanta altares  
De Gnido ao Deos.  
*Negras &c.*

## ENDECHAS.

**N**o sacro Templo  
Que Amor habita  
Minha alma afflicta  
Fui immolar.

**N**a ruiva flamma  
Que silva ardendo  
A mão detendo  
Jurci-te amar.

**F**umoso sangue ;  
Mal findo o voto ;  
Do peito voto  
Vi gotejar.

D'alma opprimida  
A insana pena  
Causou-lhe Elena  
Que soube amar.

Nos fidos peitos  
O morto lume  
Negro Ciume  
Hia ateiar.

Vulcano fero  
Ante Mavorte  
O rival forte  
Não póde olhar.

Dos desprezados,  
Que soffrem tanto,  
O rouco pranto  
Feria o ar,

Aqui jaz Delio  
Terno, e vencido.  
Sem de Cupido  
Premio alcançar :

Que Dafne esquiva,  
Com triste agouro,  
Em verde louro  
Vio transformar.

Pan segue a Nynfa,  
Que tanto adora;  
Seu fado chora  
Vendo-a mudar.

De terras cannas  
Amor lhe manda,  
Que a fruta branda  
Vá fabricar.

**Cercada Dido**  
De angustias fêas;  
Ah falso Eneas !  
Se ouve bradar.

**Seus lindos olhos**  
Frouxos erravão;  
Em vão buscavão  
O vago mar.

**Subtís enredos**  
De acérbo dano  
Bifronte engano  
Eu vi tramar.

**Por Thisbe bella,**  
Que busca errante,  
Pyramo amante  
Vai acabar.

Conhecê a amada  
O infeliz erro,  
Ousa impio ferro  
Em si cravar.

Serve-lhe a terra  
De duro leito,  
Vê-se-lhe o peito  
Inda arquejar:

As pardas sombras;  
Que Amor mistura,  
Na Estyge escura  
Vão aportar :

Desenrugando  
A cressa fronte,  
Lédo Acheronte  
As foi buscar.

E eu combatido  
De mil pezares  
Vou pelos ares  
A suspirar.

Sei ser-te amante  
Sem premios vivos,  
Este o motivo  
Do meu penar.

Vês mil exemplos,  
E jámais pensas  
Que póde offensas  
Amor vingar.

Ah! sê piedosa:  
As cruas penas  
Torne serenas  
Teu brando olhar.

*Em dia dos annos do Illustrissimo Principal Almeida.*

**P**or mais que esse sangue honrado  
 Vos inspire os pondonores  
 De merecer os louvores  
 E não querer ser louvado,  
 Este dia he consagrado  
 A elogios soberanos:  
 Sem vir enfeitar enganos  
 Com mão venal, e fingida,  
 Em contar a minha vida  
 Louvarci os vossos annos.

Tecêrão-me em baixo estado  
 A Fortuna, e a Natureza:  
 Entre os braços da Pobreza  
 Fui desde o berço lançado.  
 Pelas vossas mãos alçado  
 Quebrei da desgraça o fio:

Se da crua fome, e frio  
Livro o Pai, livro os Irmãos,  
He obra das vossas mãos,  
E faz o vosso elogio. (\*)

---

(\*) *Estas Decimas fez o A. em agradecimento de ser provido pelo Principal, então Director dos Estudos, na Cadeira de Rhetorica, de que depois se queixou tanto.*

## M O T E.

*Olhos de Lize, olhos bellos,  
Olhos para mim fataes,  
Que hum vosso girar sómente  
Me faz temer mil rivaes.*

## G L O Z A.

**D**a alva Lize os brancos dentes,  
O rosto affavel, e brando,  
A boca, donde em fallando.  
Ficamos todos pendentés,  
Nos lizos hombros patentés  
Soltos os longos cabellos  
Não são causa dos desvellos,  
Nem das ancias em que vivo:  
Vós sois, vós sois o motivo,  
Olhos de Lize, olhos bellos,

Vós sois os meus vencedores,  
E sois gloria do vencido :  
De vós me atira Cupido  
Mil farpados passadores.  
Se vence o Deus dos Amores,  
Vós as armas lhe emprestais.  
Que ternos, saudosos ais,  
Que pranto em vão derramado,  
Me não tendes vós custado,  
Olhos para mim fazeis !

Se o rosto ao Ceo levantado  
Alçais as pestanas pretas,  
Logo de brilhantes setas  
Vejo todo o ar cruzado.  
Cupido, que tem jurado  
Crua guerra à humana gente,  
Das nuas costas pendente  
Dura aljava, e passadores,  
Fará conquistas menores  
Que hum vosso girar sómente.

Quando desceis Claros lunas  
Sahe as chammas brilhantes,  
De mil rendidos amantes  
Ouço saudosos queixumes.  
Não chameis loucos ciumes,  
Ó Lize, os que em mim causaes:  
Do poder de hums olhos taes  
Quem ha que livrar-se possa,  
Se a menor perfeição vossa  
Me faz temer mal rivales?

## M O T E.

*Tu teimas em desprezar-me ,  
 Eu teimo em te idolatrar ,  
 Juntarei teima com teima ,  
 Teimando te hei de obrandar.*

## G L O Z A.

**De ser comigo piedosa  
 Não dás, Marilia, esperanças :  
 Inda, cruel, não te cansas  
 De ser esquiva, e teimosa !  
 Que importa, ó Ninfa formosa ,  
 Vir neste pégo arriscar-me ,  
 De mergulho ao mar lançar-me ,  
 E os livres peixes colher-te ;  
 Se quanto eu teimo em querer-te ;  
 Tu teimas em desprezar-me ?**

E'os olhos ao Céu erguidos,  
Ou postos nos longos mares,  
Por ti encho os vagos ares  
De mil saudosos gemidos:  
Nos rochedos desabridos,  
Que em vão bate o rouco mar,  
Devorando o meu pezar,  
Já que de ouvi-lo te causas,  
Sem premio, sem esperanças  
Eu teimo-em te idolatrar.

Teimandô, se mal não penso,  
Hei de abrandar teus rigores;  
Porque assim como em amores,  
Tambem em teimas te venço.  
Juro pelo Sol intenso,  
Que a prumo estas rochas queima,  
Que mais do que eu ninguém teima.  
São as causas desiguais:  
Mas por vêr quem teima mais,  
Juntarei teima com teima.

Se alva fonte murmureando  
 Gasta em torno os duros seixos,  
 E vai dos anhosos freixos  
 As raizes escarnando :  
 Se duras rochas quebrando  
 Vai c'ò tempo o bravo mar :  
 Se bronzes pôde cortar  
 Mordente lima teimosa :  
 Também eu, Ninfa formosa,  
 Teimando te hei de abrandar.

**M O T E.**

*Não sei que quer a desgraça,  
 Que atraz de mim corre tanto;  
 Hei de parar, e mostrar-lhe  
 Que de ve-la não me espanto.*

**G L O Z A.**

**N**ão sei que outro mal profundo  
 Inda a desgraça me guarda,  
 Se me tirou em Anarda  
 O que tem de bom o mundo:  
 Foi este golpe tão fundo,  
 Que outro não tem que me faça:  
 Se em levar-me o gesto, e a graça  
 De huns olhos, por quem via,  
 Me fez quanto mal podia,  
 Não sei que quer a desgraça!

Debalde outros gostos pintas,  
 Amor, para cativar-me :  
 Já não tornas a enganar-me,  
 Por mais, e mais que me mintas.  
 Inda tens as settas tintas,  
 Inda enxugo inutil pranto:  
 Ao teu venenoso encanto  
 Novas victimas procura ;  
 E dá-lhe dessa ventura,  
 Que atraz de mim corre tanto.

Fizeste, ó desgraça, hum erro  
 Em vires do Amor valer-te :  
 Como ha de elle soccorrer-te ;  
 Se eu já conheço o seu ferro  
 Á sua voz o ouvido cerro :  
 Custou-me sangue o escapar-lhe :  
 E para melhor provar-lhe,  
 Que eu já sou dos seus cortados,  
 Sinaes inda mal fechados  
 Hei de parar, e mostrar-lhe.

Tu só me d'este hum desgosto ;  
Outro já não podes dar-me :  
Já agora sempre has de achar-me  
A mesma alma , e o mesmo rosto .  
Se em ferros por ti for posto ,  
Verás que ao som delles canto ;  
Se envolta em sanguineo manto  
Me pões a morte diante ,  
Notarás no meu semblante ,  
Que de ve-la não me espantò .

**M O T E.**

*Os meus olhos a chorar.*

**G L O Z A.**

**P**ranto inútil são os meios  
**D**as pessoas desgraçadas :  
**P**agai, lagrimas cansadas,  
**P**agai delictos alheios.  
**J**á que de ouro cofres cheios  
**N**unca pude a Nize dar,  
**J**á que devo em fim pagar  
**C**ulpa, que só tem meus fados ;  
**F**iquem sempre condemnados  
**O**s meus olhos a chorar.

## M O T E.

*Já disse tudo a Cupido.*

## G L O Z A.

Na vossa gentil figura  
Mil dões natureza pôz :  
Todos cuidão que sois vós  
A Deosa da Formosura.  
Venus mil vinganças jura,  
Vendo o seu culto esquecido :  
Vai de setras o ar ferido.  
Senhora, andai cuidadosa,  
Que a louca Deosa invejosa  
Já disse tudo a Cupido.

## M O T E.

*Distancias , e saudades.*

## G L O Z A.

**A**s nodosas carvalheiras ,  
Que assombrão hermas estradas ;  
Altas rochas , penduradas  
Sobre medonhas ribeiras ;  
Duras , íngremes ladeiras ,  
Escuras concavidades ;  
São as tristes soledades ,  
A quem meu cansado peito  
Conta o mal , que lhe tem feito  
Distancias , e saudades.

## M O T E.

*Cantarei alegres penas,  
Que cercão meu coração.*

## G L O Z A:

Que eu cante alegre me ordenas?  
Que cruel, que dura Lei!  
Porém obedecerei,  
Cantarei alegres penas:  
Por todo o modo envenenas  
A minha infeliz paixão;  
Tu déras valor á acção  
De eu affectar alegrias,  
Se visses as agonias  
Que cercão meu coração.

## M O T E.

*Nada no mundo figura,  
Quem não chega a ter amor:*

## G L O Z A.

**D**eos de Amor, sempre a ventura  
De tuas mãos pendente vi:  
Tu podes tudo: sem ti  
Nada no mundo figura.  
Recolhe da terra dura  
Fructo immenso o Lavrador;  
Mas occulto dissabor  
No fundo da alma lhe diz,  
Que não chega a ser feliz  
Quem não chega a ter amor;

## M O T E.

*Amor para me prender  
Os teus olhos me mostrou.*

## G L O Z A.

Mil bellezas me fez vêr;  
Porque alguma me rendesse,  
Não sabia o que fizesse  
Amor, para me prender.  
Mil laços me foi tecer,  
Laços vãos, que em vão me armou;  
Provadas settas tirou,  
Que hia em veneno ensopando;  
Porém só me rendi quando  
Os teus olhos me mostrou.

## M O T E.

*A minha felicidade.*

## G L O Z A.

Cesse, ó Nize, o teu rigor :  
Esse odio injusto reprime :  
Perdem o nome de crime  
Os crimes que faz amor.  
Torne ao seu antigo ardor  
A nossa antiga amizade :  
• Adoça a rigoridade  
Do penoso estado meu,  
E faze c'hum riso teu  
A minha felicidade.

## M O T E.

*Quem adora occultamente  
Sem declarar seu amor  
Sente mil ancias no peito,  
Vive cercado de dôr.*

## G L O Z A.

**P**or que barbara razão  
Hum justo amor se reprime,  
E ha de julgar-se por crime  
Pôr na boca o coração?  
Claros olhos ferir vão  
Hum coração innocente;  
Nem ao triste se consente  
Dar sinaes de seu cuidado!  
Deoses! quanto he desgraçado  
Quem adora occultamente!

No peito a chamma accendida  
 As entranhas lhe abazon ;  
 Mas da ingrata , que a ateou ;  
 He crime ser percebida.  
 Se deita sangue a ferida  
 Á vista do matador ,  
 Veção de que nova dôr  
 Sente o triste a alma cortada ,  
 Fallando co'a sua Amada  
 Sem declarar seu amor !

Arde em hum fogo escondido :  
 Pois se conta o seu cuidado ,  
 Além de ser desgraçado ,  
 Chamão-lhe em cima atrevido.  
 Até quasi tem perdido  
 De olhar o livre direito ;  
 Vive sempre contrafeito ;  
 E entre mil contrarios posto ,  
 Mostra alegria no rosto ,  
 Sente mil ansias no peito.

Busca alegres companhias,  
Por curar o mal que sente:  
Entra a ingrata de repente,  
Despertão-se as cinzas frias.  
Ternas Arias, Synfonias,  
Tudo aviva o seu amor;  
Mas dos fados o rigor  
Tem sobre elle taes poderes,  
Que no meio dos prazeres  
Vive cercado de dôr.

## M O T E.

*Nos olhos o amor explico  
 Que trago no coração ;  
 Que não se pôde occultar  
 No peito a doce paixão.*

## G L O Z A.

**M**andas-me , ó Anarda , em vão  
 Os olhos meus reprimir ;  
 Que elles sempre hão de seguir  
 O impulso do coração.  
 Sem querer sinaes darão  
 Do affecto , que não publico :  
 Co'a boca , que mortifico ,  
 Que importa que o não revele ,  
 Se eu , por mais que me acautele ,  
 Nos olhos o amor explico ?

Amor os fáz descuidados :  
 Em vão , Anarda , os abaxo ;  
 Pois dahi a pouco os acho  
 Outra vez nos teus pregados.  
 Trazellos mais castigados  
 Não está na minha mão :  
 Esta continua omissão ,  
 Este erro , como tu dizes ,  
 He hum fructo das raizes ,  
 Que trago no coração .

De que serve olhar a medo ,  
 E fallar acutelado ,  
 Se hum suspiro descuidado  
 Vem descobrir o segredo ?  
 Este artificio , este enredo  
 Pouco poderá durar :  
 Meus olhos me hão de entregar ;  
 Que hum amor na alma arraigado  
 He como hum fogo ateado ,  
 Que se não póde occultar .

Tempo, e arte tenho posto  
Para disfarçar-me em tudo:  
Mas sae-me perdido o estudo,  
Em vendo o teu lindo rosto.  
Disfarça-se mal hum gosto,  
Que nasce do coração:  
Tambem tu dessa lição  
Talvez que bem não sabiras,  
Se assim como eu sentiras  
No peito a doce paixão:

## M O T E.

*Por passos sem esperança,  
Onde me leva o desejo?*

## G L O Z A.

Vão pensamento, descanso,  
Reconhece as forças minhas:  
Tu não sabes, que caminhas  
Por passos sem esperança?  
Junto da corrente mansa  
Me pões do dourado Tejo:  
Cá de longe o sitio vejo:  
Mas não devo hum passo dar,  
Que eu não mereço chegar  
Onde me leva o desejo.

## M O T E.

*Eu já tenho exp'imentado  
As minhas inclinações.*

## G L O Z A.

Que nunca teu doce agrado  
De amizade simples passa,  
Por minha grande desgraça  
Eu já tenho exp'imentado.  
Antes odio declarado,  
Que estas equivocacões!  
Quero as ternas expressões  
De que as almas se alimentão:  
Com menos não se contentão  
As minhas inclinações.

*Ao mesmo Mote-outra*

## G L O Z A.

Senhora, eu tenho encontrado  
No teu amor mil intrigas :  
Não preciso que mo digas ,  
Eu já tenho exp'imentado,  
São premios do meu cuidado  
Enganos , e ingratições ;  
E por occultas razões  
São, inda que mo não dizes ,  
Tão justas , como infelizes ,  
As minhas inclinações.

## M O T E.

*Ouvi, ó Senhora, ouvi:  
Os suspiros de huma voz,  
Que quando por vós suspira,  
Aspira sómente a vós.*

## G L O Z A.

**C**hegou finalmente a hora  
De saberdes quem vos ama:  
Rebente esta antiga chama,  
Que ardeo occulta atégora.  
Amar callando, Senhora,  
Assaz o fiz atéqui:  
As ancias, que padeci,  
Sejão finalmente expostas...  
Ah! não me volteis as costas:  
Ouvi, ó Senhora, ouvi.

Perdei huma vez o horror  
A ouvir ternos gemidos ;  
Nunca ferirão ouvidos  
Brandas palavras de Amor.  
Que hora , e que sitio melhor,  
Do que este em que estamos nós ?  
Que culpa , que crime atroz  
Temeis que ante vós farão  
As queixas de hum coração ,  
Os suspiros de huma voz ?

Meu coração vos adora ;  
Sem saber o conquistais :  
Estas ancias , estes ais  
São obra vossa , ó Senhora.  
Em segredo amou atégora ;  
De amor vive ; amor respira ;  
E se vós , depondo a ira ,  
Lhe prometteis compaixão ,  
Que melhor occasião ,  
Que quando por vós suspira ?

Nelle, Senhora, não posso  
Nutrir estranha paixão :  
Em fim este coração  
Foi feito para ser vosso :  
Para encher-se de alvoroço  
Basta ouvir a vossa voz :  
Passa indiff'rente, e veloz  
Por mil bellezas, que admira,  
Nada o enche, a nada aspira,  
Aspira sómente a vós.

## M O T E.

*Hei de amar-te até á morte,  
Quer tu me queiras, quer não:  
Serei no amor desgraçado;  
Mas com discreta eleição.*

## G L O Z A.

Não fuio, pódes rasgar  
Este peito desgraçado;  
Que o teu gesto retratado  
Has de, cruel, nelle achar.  
Posto que veja roubar  
Á Parca a tesoura forte,  
E dar-me na vida córte,  
Inda ouvirás, que te digo:  
« Ingrata, não me desdigo, »  
» Hei de amar-te até á morte. »

Vem, Amor, auctorizar  
 O sagrado juramento  
 De até ao final alento  
 Firmemente te adorar.  
 De joelhos, no Altar  
 Co'a devida submissão  
 Resoluto ponho a mão ;  
 Juro nas settas tremendas  
 De te amar, quer tu me offendas,  
 Quer tu me queiras, quer não.

Amor co'as mãos apressadas  
 Ergue dos olhos a venda,  
 E pasma da jura horrenda,  
 Que assusta as aras sagradas.  
 « Eis as correntes peçadas,  
 Que te esperão, » diz irado.  
 Eu as accelto humilhado,  
 « Não, ó Deos, não esmoreço  
 » C'os ferros, posto conheço  
 » Serei no amor desgraçado. »

A Liberdade ultrajada  
Lança-me a revez a vista;  
Risca-me da honrada lista,  
E chama-me escravo irada.  
Não criminos indignada  
Esta nobre sujeição.  
Arrastro o ferreo grilhão;  
Mas por quem? Por Nize bella.  
Ah! sim te deixo por ella;  
Mas com discreta eleição.

## M. O T E.

*Toda a Mulher he perjura.*

## G L O Z A.

**T**riste solitario freixo ,  
Mais triste do que eras d'antes ,  
Conta , conta aos caminhantes  
A razão com que eu me queixo .  
Em teu tronco escrita deixo .  
Minha funesta aventura :  
Reconta esta historia dura ,  
Por que veja quem a ler ,  
Que depois de Armida o ser  
Toda a Mulher he perjura .

*Ao Illustrissimo, e Excellëntissimo Senhor  
Marquez de Penalva.*

Illustrissimo Penalva,  
Já que me dais protecção,  
Sentido na occasião,  
Porque bem sabeis que he calva;  
Se o vosso braço me salva.  
Das crianças pertinazes,  
Se a poder das vossas frases  
Meu duro gtilhão se corta,  
Por triumpho á vossa porta  
Pendurarei dous rapazes.

## M O T E.

*De mil suspiros que eu dou.*

## G L O Z A.

**P**arto em fim desesperado ,  
E sem que o motivo conte  
Vou a estranho horizonte  
Chorar o meu triste fado.  
Já vejo o laço quebrado  
Que a ventura me forjou;  
É como Nize o quebron,  
Conservando os olhos seccos,  
Ao menos não ouça os éccos  
De mil suspiros que eu dou.

*Ao Illustrissimo, e Excellentissimo Senhor  
Marquez de Penalva.*

Hontem soube o que podia  
Estilo suave, e brando;  
E quanto podeis fallando  
Eu o vi na Academia.  
Nas almas fogo accendia  
Vossa discreta Oração.  
Sobre a minha pertensão  
Vos peço que assim oreis,  
E que ao Principe falleis  
Como fallais á Nação.

*À Illustrissima, e Excellentissima Senhora  
Canda de Villa Verde.*

Mandais-me que os versos traga  
Que na almofada fallarão ;  
Porque os ouvidos vos ficarão  
Nas mãos da Illustra Arriaga.  
Essa honra he humo paga,  
Que elles nunca merecêão.  
Se os seus olhos se puzerão  
Sobre tão baixa escadaria.  
Devo essa grande ventura  
Às illustres mãos que os derão.

Mas he do meu triste fado  
Tão teimosa a crueldade,  
Que até na felicidade

Vejo que sou desgraçado;  
Pois devicis cautelado  
Segurar a occasião :  
Fingindo que errava a mão,  
Entre mil papeis diversos  
Podicis em vez dos Versos  
Dar-lhe a minha petição.

*Ao Illustrissimo, e Excellentissimo Senhor  
Conde de Villa Verde.*

**Assisti á Sagração,  
Acto, Senhor, dos mais serios,  
Que envolve augustos Mystérios  
Da nossa Religião.  
Lembrou-me crismar-me então,  
Por ser acto Episcopal;  
Por permittir acção tal  
Que outro appellido se tome;  
Lembrou-me trocar o nome  
De Mestre em Official.**

**Busquei as horas melhores,  
E encommendei-me á fortuna;  
Cheguei, e para a Tribuna  
Tinhão já ido os Senhores.  
Pelos frios corredores**

O bom Lima me encaminhava ;  
Foi-me pôr na tal portinha  
Onde os pretendentes vão  
Pôr os joelhos no chão,  
E os olhos na Rainha.

Co'a cabeça estopetada,  
Como quem dorme sem cama,  
Roto fumo, e alguma lama  
Sobre a casaca encarnada,  
Vi o tal que grita, e brada,  
Quer na Sala, quer na rua.  
Por mais que trabalha, e sua,  
Guarda-roupa he louca idéa :  
Como ha de guardar a alhêa  
Quem trata tão mal da sua?

Ao pé a figura rara  
Do pardo Cardeal astuto,  
Que para cumprir o luto

Lhe basta mostrar a cara,  
Dos dous na justiça clara  
Grandes fundamentos acho;  
Mas fujo mais para baixo,  
E dispenso amigos taes,  
Por não ficarmos iguaes  
Na justiça, e no despacho.

*Ao Illustrissimo, e Excellentissimo Senhor  
 Conde de Villa Verde, quando morreu o  
 Pai do Author.*

Peito de tanta bondade  
 De bom Pai o nome preza;  
 Levou-me hunt a Natureza;  
 Mas deixou-me outro a piedade.  
 Amparai minha orfandade,  
 Porque a vossos pés me humilho:  
 Se não me abris outro trilho,  
 Tal a minha estrada vai,  
 Que irão co'a vida do Pai  
 As esperanças do Filho.

*Vagando hum Officio que o A. pretendia.*

**Jaz o defunto enterrado :  
E agora saber intento ,  
Se a caso no testamento  
Me ficou algum legado.  
A vossos pés ajoelhado  
Ponho em vós minha esperança ;  
Tenho Parte, e não descausa :  
E nesta causa infeliz ,  
Se não fordes o juiz ,  
Perderei de certo a herança.**

*Ao Doutor Joaquim Ignacio Seixas, Me-  
dico das Caldas.*

**M**eu Doutor, bem sei que quer  
Que eu venha ás Ave-Marias ;  
Mas olhe : há huns certos dias  
Em que isto não póde ser.  
Dona Antonia Xavier  
(Que o Ceo por seculos guarde)  
Faz annos, e eu esta tarde  
Perco á Medicina o medo :  
N'outros dias virei cedo ;  
Mas neste, ha de ser bem tarde.

## D E C I M A.

*A hum Pregador celebre (Fr. João Jacintho)  
estando jantando com o A.*

Se deste potente vinho  
 Não cerceias as razões,  
 Temo que nos teus Sermões  
 Allegues só São Martinho.  
 Se lhe dás largo caminho  
 Pelo teu fecundo peito  
 Seu fatal magico effeito  
 Deixando-te a tres de fundo,  
 Te fará ser o segundo  
 Que diga: *sempre me deito.* (1)

(1) *Outro Pregador tendo bebido dema-  
siado, chegou ao pulpito, e só pronunciou  
estas palavras: Sempre me deito.*

*Carta a Lourenço da Mata, Official da Secretaria.*

**Amigo Lourenço:** Se tu não sabes o que he não ter dinheiro, eu to explico: Abaixo de Estupores he o maior mal do mundo, principalmente para quem herdou Irmãs sem nenhum rendimento, e com muito bom estomago.

Por vêr se aligeirava esta carga, empenhei-me em hum milhão para lhes comprar tenças, e em outro para lhas assentar; mas como as não cobrão, morrem de fome, e depois que são ricas, tornão-se a mim, e dellas aprendo o que são lucros cessantes, e danos emergentes. Cuidei que tinha mettido huma lança em Africa, e vejo que a metti em mim mesmo; e arde agora a vela pelas duas pontas.

Tu que tens bom coração, e que estás

no pé do Senhor Marquez, que o tem melhor, pede-lhe por caridade o despacho dessa petição.

Não te assustem os tres annos; porque ainda mal que ouço que no de 93 não tiveram cabimento. Pede-lhe que já que me livrou de crianças, me livre tambem de velhas, gado ainda mais impertinente, e que se não contenta com figuras de Rhetorica. Interessa-te pelo teu Nicoláo, Amigo, e Collega, e sabe que, se lhe não mandas as Portarias, terás a vergonha de o vêr andar pelas outras. Recomenda-se á tua efficacia

O teu fiel Amigo

N. T.

Peço que mates a fome  
 A este teu povo immenso,  
 E peço-te, meu Lourenço,  
 Pelo Santo do teu Nome.  
 Por hum bom serviço tome  
 A paga das taes tencinhas,  
 Pois teve as carnes mesquinhas  
 Em vivas brazas vermelhas,  
 Em louvor das suas grelhas  
 Peço me livres das minhas.

Com esta tenho enviado  
 Tres cartas, segundo penso,  
 Ao meu amigo Lourenço:  
 Nem reposta, nem mandado.  
 A dôr de que estou tomado  
 Sim desejo allivialla:  
 Mas a tua mais me aballa,  
 E parece mais intensa:  
 Pois eu sim fico sem Tença,  
 Porém tu estás sem falla.

*Ao Illustrissimo, e Excellentissimo Senhor  
 Conde de Villa Verde, andando o A. na  
 pertençaõ de ser Officiab da Secretaria  
 de Estado.*

## D E C I M A.

Senhor, venho perguntar  
 Quando ides ficar no Paço?  
 Para que á força de braço  
 Lanceis os nobres ao mal.  
 Sabe montes aplanar  
 Vossa discreta poltia:  
 E pinta-me a fantasia,  
 A qual nem sempre me engana,  
 Que só na vossa sensaõ  
 Me ha de chegar o mal dia.

*Do Juiz do Crime de Andaluz, dando-lhe esta parte que estava para casar, e mostrando-lhe versos, que fizera a Noiva. He o de que trata o Soneto 33, Tom. I. pag. 35.*

Manoel, muda o cuidado,  
Abafa essa chamma ardente:  
Não falla hum são a hum doente;  
Fallá-te outro experimentado.

Já servi ao Deos do engano,  
Fórte com forças albeias,  
Passei nas suas cadeias  
Apoz hum anno outro anno.

Prometteo-me alto: favor,  
Mas sabe, pois que começa,  
Que o que tira das promessas  
Forão lagrimas, e dôr.

Não te deixes enganar  
Do rosto brando, e sereno;  
Tempéra em riso o veneno;  
Afaga para matar.

Com mil modos attractivos  
Chama a cega, e incauta gente;  
Lança-lhe dura corrente,  
E escarnece dos cativos.

Como trata os infelizes,  
Que andou outr'ora amimando,  
Meu peito te está mostrando  
Nestas frescas cicatrizes.

Até em cousas de petr  
Quer mostrar o seu rigor:  
Faz entrar n'hum prosador  
A mania de poeta.

**Mas esses laços que trazes,  
Dom desse Deos inimigo,  
Talvez que sejam castigo  
D'outras prizões, que tu fazes.**

**Fere a muitos tua mão,  
Inda que tanto a reprimes,  
E vens a pagar teus crimes  
Com pena de Talião.**

# MEMORIAL

*A Suas Altezas.*

Se os Principes nos são dados,  
Para geral beneficio,  
E se o seu mais digno officio  
He ouvir os desgraçados :

Ouví minha desventura,  
E consentí que esta vez  
Se lastime a vossos pés  
Hum queixoso da ventura.

Sahirem humildes ais  
De hum peito singelo, e aberto ,  
He o direito mais certo,  
Quando os Juizes são tais.

Fundadas sobre a verdade  
As minhas supplicas vão :  
Não peço por ambição ,  
Peço por necessidade .

Em mim o cuidado cae  
De Irmãs postas em pobreza :  
A piedade , e a natureza  
Me fazem Irmão , e Pae .

Olhos em pranto banhados ,  
Que eu sem dôr não posso ver ,  
Vos fazem agora ler  
Estes versos mal limados .

São tristes Orfãs donzellas ,  
E merecem suas dôres  
Que vós , Augustos Senhores ,  
Hajais piedade dellas .

Por mais esforços que eu faça  
Como hei de dar-lhe favor,  
Se o seu triste bemfeitor  
Vive na mesma desgraça ?

Da miseria as tirareis ,  
Se eu da miseria sair :  
Sobre muitos vai cair  
O favor que me fazeis.

Vós, ó Augusta Princeza,  
Em quem o Ceo quiz juntar  
O melhor que pódem dar  
A fortuna, e natureza ,

Tende dó de seu lamento ;  
E dai a mão favoravel  
A hum sexo respeitavel ,  
De que vós sois ornamento.

A petição que vos faço  
Não he de facil indulto ;  
Para pouco , fora insulto  
Valer-me do Vosso braço.

Não he facil , mas he justa :  
E será bem despachada ,  
Se huma vez apresentada  
For por Vós á Irmã Augusta.

Principes , tende piedade :  
Ponde a meus queixumes pausa :  
Protegei na minha causa  
A causa da humanidade.

O que de Tito se diz ,  
Hum Rei Vosso Avô dizia ;  
Chamava perdido o dia ,  
Se não fez alguém feliz.

Motivo de tristes ais  
Quaesquer mãos o pódem dar ;  
Más venturas emendar  
Só pertence a mãos Reais.

Dos homens, inda que ingratos ,  
Ouve Deos os rogos justos :  
Vós, ó Principes Augustos ,  
Sois na terra os seus retratos.

Mas já o tempo opportuno  
Apressa as azas escassas ,  
E não devo ás mais desgraças  
Ajuntar a de importuno.

Acabe a triste escriptura ,  
Digna por tal de piedade :  
Eu dei-lhe pranto , e verdade ,  
Vós podeis dar-lhe ventura.

*No dia dos Annos do Illustrissimo, e Excellentissimo Senhor Conde de Villa Verde.*

**N**ão venho dourar enganós;  
A vida não he louvor;  
Pois também vivem Tyrannos;  
Eu venho, illustre Senhor  
Louvar obras, e não annos.

**De homem commum não se exime  
Quem não tem virtudes claras :  
He pouco fugir do crime :  
Consagrão-se as almas raras  
A trabalho mais sublime;**

**A trabalho heroico: e creio  
Pelo provado aforismo,  
Que em sãos Filozofos leio,  
Que o verdadeiro heroismo  
He fazer o bem alheio.**

Taes trabalhos honra dão  
A digna mão que os procura :  
Não amo Heróes da ambição ;  
Buscão a sua ventura ;  
Vós buscais a da Nação.

Serem por vós levantados  
Os talentos esquecidos ;  
Do triste os ais desprezados  
Serem aos Reaes Ouvidos  
Pelas vossas mãos levados ;

De quem a vós se acolheo ,  
Remediar o queixume ;  
Ter como proprio o mal seu ;  
He este o vosso costume ,  
E o genio que o Ceo vos deo.

E o Throno aos Povos propicio ,  
Que vigia em seu favor ,  
Fez-lhe o geral beneficio  
De mandar, que em vós, Senhor,  
O que he genio fosse Officio.

**Partio Officios pezados  
Com quem os servisse bem e  
São projectos acertados :  
Quem do Throno o sangue tem ;  
Tenha tambem os cuidados.**

**Dai aos gratos Lusitanos  
Longo tempo Mão segura  
Contra injustiças , e enganoss ;  
E seja a sua ventura  
O louvor dos vossos Annos.**

**Mas, Senhor, meços Poetas  
Vinguem meus esforços vãos :  
Musas zombão de Jarretas :  
Pedem-me as tremulas mãos,  
Mais do que Lyra, muletas.**

**Fogosos Vates emprehensão  
Altos vôos neste dia :  
Musas com Musas contendão :  
Sáião Odes á porfia ;  
E queira Deos que se entendão.**

# QUINTILHAS

*Em louvor de huma Senhora.*

Lyra minha, rouca lyra,  
Hoje afinada consente,  
Que a tremula mão te fira:  
Cante huma só vez contente  
Quem por costume suspira.

Louvemos Anarda bella;  
Eu veja aos astros subir  
Meus versos em honra della,  
E possa quem os ouvir  
Adora-la antes de vê-la.

Já lédo as vozes desato:  
Ouve, ó Nynfa, os teus louvores:  
Não pertendo ser-te grato  
Traçando com vivas cores  
Teu angelico retrato.

Permitte , Anarda piedosa ,  
Que se farte o meu desejo  
N'outra empreza mais gloriosa ;  
Que o menor dom que em ti vejo ,  
He o dom de ser formosa .

Rubra boca , os olhos bellos ,  
Que brandamente movidos ,  
São de Amor agudos zelos ;  
Sobre alvo collo esparzidos  
Louros ondados cabellos ;

Braço airoso , a mão de neve ;  
Proporcionada cintura ;  
Eis a tua copia breve :  
Porém vôa a formosura  
Nas azas do tempo leve .

Outros bens mais duradouros  
Não são á tua alma esquivos ,  
Bens que nos annos vindouros  
Valem mais que huns olhos vivos ,  
Que huns soltos cabellos louros .

A destruir a belleza  
A curva velhice corre:  
Nada conserva firmeza ;  
Só a virtude não morre :  
Vence as leis da Natureza

Tu , que prezas a verdade ;  
Que tratas falsos sujeitos  
Só com a côr de amizade ,  
E para os sinceros peitos  
Mostras ter sinceridade ;

Tu , que os enganos deslizas ;  
Que sabes vencer desgostos ;  
Que a lizonja ufana pizas ;  
Que não vês sómente os rostos ;  
Que até corações divizas ;

Tu , que da séria prudencia  
Seques os dictames puros ;  
Que tens amado a innocencia ,  
E nos conselhos maduros  
Mostras de idade experiencia ;

Teu nome eterno ha de ser  
Estampado entre as estrellas;  
Has de as mais Nynfas vencer,  
Que sómente em serem bellas  
Fundão todo o seu poder.

Amão a fofa vaidade ;  
Dos homens a seu sabor  
Prendem a solta vontade :  
Trazem nos olhos amor,  
No coração falsidade.

Muitas fingem desprezar  
Finezas de amante rude ;  
Fingem os sabios amar :  
Não o fazem por virtude,  
Querem talentos mostrar.

De que serve huma alma pura,  
Se os pezados membros cobre  
Rota humilde vestidura ?  
Nada val hum peito nobre  
N'huma grosseira figura.

Corpo esbelto, onde ajustado  
Brilha, cheio de ouro immenso ;  
Curto fraque afrancezado ;  
Cheiroso, candido lenço ;  
O cabello apolvilhado ;

Jocosas palavras ôcas ;  
Estes os dons relevantes ,  
Que deixão de vencer poucas  
Das que fingem ser amantes ,  
E não passão de ser loucas.

Tu tens outro entendimento :  
És sempre igual : não te vales  
Das côres do fingimento :  
Quer séria , quer rindo falles ,  
Não fundas torres no vento.

Rís da baixa adulação ,  
Mal que os teus ouvidos toca  
A contrafeita expressão :  
Conheces na falsa boca  
O enganoso coração.

Ver sobre molle tapete,  
Curvando as pernas, e os braços,  
Peralta de alto topete,  
Com destros miudos passos,  
Dançar Francez minuete;

Vê-lo nutrindo esperanças  
Entre agradaveis parceiras,  
Fazer rapidas mudanças,  
Torcendo as mãos nas ligeiras  
Buliçosas contradanças;

Fervente rebeca ouvir,  
Que infunde vivos prazeres,  
Jamais te faz distrahir;  
Pois antes dos Sabios queres  
Sabios conceitos ouvir.

Só te vejo attenta em quanto  
Ouves palavras discretas;  
As Musas estimas tanto,  
Que até dos tristes Poetas  
Te commove o triste pranto.

Conheces seu duro mal;  
Que sempre tributão fô  
A coração desleal :  
Que por isso em todos he  
A tristeza natural.

Que ás Nynfas endurecidas  
Lhes não causão terno effeito ;  
Que triunfão das fingidas ,  
Guardando dentro no peito  
Inda frescas as feridas.

Porém já que ouzei fallar  
De Amor nas sanguineas reixas,  
Vou a lyra pendurar :  
Não quero com minhas queixas  
Teus louvores misturar.

Tu dirás que não tens parte  
No meu mal cruento, e fero ;  
Que vou tristezas lembrar-te ;  
Dirás que affligir-te quero ,  
Quando desejo louvar-te.

Não te deves admirar :  
Sei que em vão me estou queixando :  
Mas quem sente o seu pezar ,  
Se principia cantando ,  
Sempre acaba a suspirar .

## QUIXOTADA.

**Espicaça esse animal ,  
Companheiro Sancho Pança ,  
Entremos em Portugal ,  
E vamos molhar a lança  
A pró do triste Pombal.**

**Poetas principiantes ,  
Já estou em circo raso :  
Tambem Apollo he Cervantes ,  
Tambem cris no Parnaso  
Seus cavalleiros andantes.**

**Não vos chamo , ó sujo rancho ,  
Que até os versos errais ;  
Em tal sangue as mãos não mancho :  
Para vós , e outros que taes  
Sobeja a espada de Sancho.**

Sobre vós carrego a mão,  
Sobre vós, ó folhas velhas,  
Que dais n'hum homem no chão,  
Sem vos lembrar, que entre ovelhas  
He fraqueza ser leão.

Essa boca enganadora,  
Que he hoje da maldição,  
Mil vezes se poz outra hora  
Sobre a praguejada mão,  
E lhe chamou bemfeitora.

Pois já que vós sois assim,  
Povo revoltoso, e ingrato,  
Hoje castigar-vos vim:  
Ireis pelo pó do gato,  
Nem esp'reis quartel em mim.

Santo Téjo, o curso enfreia,  
E montando rochas duras  
Torna atraz a clara veia:  
Conta novas aventuras  
Á formosa Dulcineia.

Nova guerra o mundo veja ,  
Guerra em que pouco se arrisca :  
Serão armas na peleja ,  
Provado fuzil , e isca ,  
Secca , espinhosa carqueja.

Irmão Sancho , põe-te a pé ,  
Põe essas Rimas a prumo ,  
Principio á obra se dê ,  
Tolde o ar o negro fumo  
Deste novo Auto da Fé.

Queima essas Satyras frias ,  
Faltas de sizo , e conselho :  
Queima prosas , e poesias :  
Acabe o cansado velho  
Em paz os seus tristes dias.

Porém poupa sempre alguma  
Das raras que tem sabor :  
Das outras nem deixes huma ,  
Dessas que tudo he rancor ,  
E poesia nenhuma.

Em tanto as armas pendura:  
Mas se houver desassizados,  
Que queirão guerra mais dura,  
Da minha lança cortados  
Descerão á sepultura.

Já nuvens de fumo vejo:  
Já chamma brilhante o arreda:  
Já se farta o meu desejo:  
Já da viva lavareda  
Dá o clarão sobre o Tejo.

Essas cinzas denegridas,  
Que ao velho poupão mil magoas,  
Leve-as o Téjo envolvidas,  
Fiquem no fundo das aguas  
Para sempre submergidas.

Vês, Sancho, do nome meu  
Como vôa a clara fama?  
Nem viva alma appareço  
A apagar a voraz chamma,  
Ninguem, ninguem se atreveo!

Vês como ajuda o destino  
A hum bom cavalleiro andante ?  
Não precizei de aço fino,  
Nem de pés de Rocinante,  
Nem de elmo de Mambrino.

Ó tu que alçaste a viseira  
Forcejando os nervos velhos,  
E para ver a fogueira  
Limpaste os olhos vermelhos  
Na felpuda cabelleira :

Abaixa a pros huma vez,  
Chega a Dulcinea bella,  
E dize posto a seus pés :  
« Formosissima Donzella,  
» Eu sou hum triste Marquez,

» Que fugindo a hum povo inteiro,  
» A quem mettêra em furor  
» Minha privança, e dinheiro,  
» Vim achar mantenedor  
» Em teu nobre cavalleiro.

» Disse este povo malvado,  
» Que eu tinha o reino extorquido ;  
» Que era gatuno afamado,  
» E que em jogos de partido  
» Tinha com todos levado ;

» Que no Tabaco levava  
» Hum quinhão avantajado ;  
» Que o Sabão não me escapava ;  
» E que sem ser Deputado  
» Nas Companhias entrava.

» Das minhas Leis murmuravão :  
» E os seus pequenos juizos  
» Tão pouco o ponto tocavão,  
» Que sempre me erão precisos  
» Assentos que as declaravão.

» Té na lingua sem motivo.  
» Dérão criticos revezes :  
» Fiz nella estudo excessivo,  
» Bebi nos bons Portuguezes  
» *Monopolio*, e *respectivo*.

- » Disse mais o povo insano,
- » Que perdi de Roma o trilhão;
- » Que fui Sultão soberano;
- » Que andei cazando meu filho
- » Segundo o rito Othomano.

- » Mas toda a maldade he sua;
- » Vêm riquezas, e palacio,
- » Comem-se de inveja crua:
- » São huns novos cães de Horacio
- » Ladrando debalde á lua.

- » Já se me dá pouco, ou nada
- » Da sua guerra pequena:
- » Tenho gente em campo armada,
- » Tenho Mendoça co'a penna,
- » E Dom Quixote co'a espada.

Esta falla, ou outra igual  
Acabada, meu Marquez,  
Faze rev'rencia formal,  
E arrastra os gozozos pés  
Para a villa do Pombal.

Nella vive descansado ,  
Porque as aguas vão serenas ;  
Sempre Ministro de Estado ,  
Mandando cousas pequenas  
No teu Lopes encostado .

Junto á Estatua vil canalha  
Desprende as linguas tyrannas :  
E se esta rude gentalha  
Arrancar com mãos profanas  
A carrancuda medalha :

Armas em ouro gravadas  
Ser-te-hão por mim erigidas ,  
E por ti mesmo traçadas ,  
Em sangue humano tingidas ,  
E com mil leis penduradas .

## O D E

*Offerecida a SS. MAGESTADES, no dia  
da Acclamação da Rainha N. Senhora.*

A vida escura em que a natureza, e fortuna me lançarão tão longe dos Reaes pés de VV. MAGESTADES; o medo justo de mandar huma voz fraca, e desconhecida aos ouvidos de Reis, prenderião hoje a minha lingua temerosa, se o amor da Patria, e o gosto de a ver feliz, dando-me novo espirito, me não puzessem na bocca esta lingoagem de huma alma singela, estes versos sem arte dictados pelo amor respeitoso, e que em lugar de enganosa e enfeitada poesia, descobrem unicamente os sentimentos de hum coração fiel onde VV. MAGESTADES reinão Soberanamente.

Neste Throno, a que poucos Monarcas

sobem , tem a Nação Portugueza collocada a VV. MAGESTADES por aquelle talento de agradar , dom do Ceo , precioso , e raro na Sagrada Pessoa dos Reis , que querem ( como VV. MAGESTADES conseguirão ) ser acclamados pela alegria publica , e pela torrente de lagrimas , com que hum povo inteiro , transportado de gosto , levantava ás estrellas os Augustos Nomes de seus novos Reis. Eu vi , Senhores , este grande espectaculo ; foi huma scena de ternura , que arrancaria lagrimas ainda a hum coração que não fosse Portuguez. Vi soldados velhos , que endurecidos ao frio , e á calma , queimados com o fogo da polvora , annunciavão hum coração de ferro , banharem pela primeira vez de lagrimas ternissimas aquelles honrados rostos , aquellas cerradas feridas , que recebêrão pela Patria , e que tornarião a abrir com gosto , se o felicissimo Reinado de VV. MAGESTADES não estivesse destinado á paz , e á felicidade dos seus povos ; era preciso ser insensivel para que no meio de hum povo entregue á doce , e tumultuosa desordem ,

que causa a alegria excessiva, se conservasse a minha alma na sua situação ordinaria; prendeo nella huma faisca do fogo sublime, que eu vi atear nos corações Portuguezes: a alta idéa das Virtudes de VV. MAGESTADES, a multidão de benefícios com que vemos dourados os dias do seu faustissimo Reinado, huma longa serie de felicidades aberta no futuro diante dos meus olhos, me levarião a través do povo, e das armas ao Throno dos Reis, onde á face do Ceo, e dos homens me desentranhassam em gritos de alegria, e mostrasse nestes especie de delirio, que o coração de VV. MAGESTADES não trabalha para ingratos; mas o profundo, e sagrado respeito que pôde suffocar em mim este impeto de ternura, não pôde fazer callar-me; levado da invencivel força do amor, e do reconhecimento, me atrevo a pôr na Real presença de VV. MAGESTADES grandes couzas em máos versos; ponho a simples verdade, ponho os votos da Nação, e algumas das muitas acções de piedade com que VV. MAGESTADES tem mandado contentes o

que levão por valia a razão, ou as desgraças. Se VV. MAGESTADES do alto do Throno se dignarem lançar os olhos sobre estes humildes versos, reconhecerão nelles não o Estro que faz Poetas, mas o que faz vassallos amantes de seus Soberanos. Estro sublime, e que deve tocar mais no coração dos Monarcas, do que o das Odes famosas de Pindaro, e de Horacio, cheias da mais bella poesia; mas filhas da arte, e da lisonja, e onde não fuzila aquella luz de verdade, que dará logo nos Reaes olhos de VV. MAGESTADES, se eu tiver a incomparavel honra de que este papel seja apresentado diante do Augusto, e Respeitavel Throno dos Pais da Patria, dos Amigos, dos Bemfeitores, dos Reis adorados da felicissima, e sempre fiel Nação Portugueza.

O D E.

Das virtudes guiados  
Subi ao alto Throno, oh Reis Augustos;  
Nem sempre esquivos fados  
Se nos hão de mostrar surdos, e injustos:  
Abrem vasto thesouro,  
E nos mandão por Vós a Idade de Ouro.

Do Rei aos Ceos erguido  
O Reino, e o coração tendes herdado,  
Benigno, enternecido,  
De mil virtudes solidas dotado;  
Por genio piedoso,  
E digno em fim de tempo mais ditoso.

Da Eterna Providencia  
Os beneficos raios fuzilárão ;  
Já se estima a innocencia,  
Já os tempos de ferro se abrandárão,  
Já vem o ar talhando  
A Piedade, e a Justiça os braços dando.

Com subita alegria  
Tornai a ver os conhecidos lares,  
Tornai a ver o dia,  
Vós que habitastes horridos lugares,  
Lugares deshumanos  
Onde passastes dez, e outros dez annos.

Do chão desentranhados  
Vinde jurar os novos Reis felizes :  
Nos pulsos descarnados  
Mostrai ao Povo as roxas cicatrizes,  
E os grilhões inda quentes  
Na praça triumphal deixai pendentos.

Que lagrimas levaste ,  
Patrio Téjo , na tua escura veia .  
Quando turvo passaste !  
E as ondas , que quebravas sobre a areia ,  
Que cinzas que regarão !  
Que triste sangue para o mar levarão !

Mas torna , oh manso Téjo ,  
Torna a volver corrente prateada :  
Já taes males não vejo :  
E até já foge a nuvem carregada ,  
Que á triste Lusa terra  
Promettia fatal , e pronta guerra .

De pelouro violento  
Não vê cahir o exangue companheiro ;  
E dorme ao som do vento  
Em campo aberto o molle pegureiro ;  
O lavrador cantando  
Em paz herdados campos vai cortando .

Da sorte das batalhas  
Livrai, Piedosos Reis, os Portuguezes;  
Pendurem duras malhas,  
E os temperados lucidos arnezes  
Os ardidos soldados  
Das lagrimosas Mães em vão chamados.

Que dias floccentes  
Ao vosso fiel povo preparastes;  
Quando com mãos prudentes  
O peso dos negocios espalhastes  
Sobre os hombros robustos  
De Ministros inteiros, sabios, justos.

Gemeo mansuetado  
Longo tempo o infeliz merecimento;  
Mas já, o collo atado,  
Sacode o negro pé do esquecimento,  
E a virtude innocente  
De illustres paginas lhe coroa a frente.

Já vingadas serão  
Do vil tutor as timidas donzellas;  
Já não erguem em vão  
As mãos, e os tristes olhos ás estrellas;  
Nua de falsidade  
Aos ouvidos dos Reis chega a verdade.

Mil louvores lhe cantão,  
O limpo coração pondo no rosto:  
E n'alma lhe levantão.  
Novo Throno, sobre ella melhor posto,  
Que entre espessas falanges,  
Que sobre ouro, ou perolas do Ganges.

Novos Reis Seberanos,  
Que hoje as rédeas tomais do Reino vosso,  
Os Fastos Lusitanos  
Dirão de Vós o que eu dizer não posso:  
Vossa Augusta Memoria  
Abrirá largo campo á longa Historia.

**Sem trabalho podeis**  
**Fazer feliz a gente Portugueza,**  
**Seguindo as santas leis,**  
**Que n'alma vos gravou a Natureza,**  
**A rara humanidade**  
**A incorrupta Justiça, a sã Verdade.**

*No dia dos Annos do Illustrissimo, e Excellentissimo Senhor Marquez de Angeja*

**O D E.**

A rouca Lyra, Musa, temperemos,  
Cordas de ouro lhe ponho ;  
O triste Boticario em paz deixemos,  
E o Gamaõ enfadonho ;  
Inspira-me huma vez sonoros hinos,  
Que Apollo julgue deste dia dinos.

Ensina-me a louvar do Illustre Angeja  
Talentos sup'riores ;  
Que soffreo os assaltos d'alta inveja,  
Como soffre os louvores ;  
Cuja alma não conhece vis mudanças,  
Ou corrão tempestades, ou bonanças.

Sem temor estalar o raio ouvia,  
Que ao peito fuzilava;  
O recto coração tendo por guia,  
Seguro caminhava;  
Em vão medonha tempestade freme,  
Seu grande coração só crimes teme.

Ao pé do Throno Augusto em fim chamado,  
Venceo a crua inveja;  
Quem no Conselho o poz dos Reis ao lado,  
Não foi sangue de Angeja,  
Não foi de Hespanha antigo Filhamento,  
Foi sã justiça, foi merecimento.

Não revolvo a Real Genealogia  
De Henrique, e de Fernando;  
Os são louvores deste grande dia  
De ti mesmo tirando,  
Só louvarei com paternaes façanhas:  
Quem seu nome dever a mãos estranhas.

Vias correr teus dias socegados  
Nutrindo esse alto esp'rito  
No que ficou dos seculos dourados  
Em prosa, ou verso escrito;  
Recolhendo na próvida memoria  
De estranhos Reis, e de teus Reis a historia.

Outras vezes rasgando á vasta terra  
Seu peito cavernoso,  
Ou descobrindo quanto o mar encerra  
De raro, e precioso,  
Profundavas com seria madureza  
Os segredos da occulta natureza.

De tão doces estudos arrancado  
Por mais altos destinos,  
Da Lusa gente, e de seus Reis chamado  
A empregos de ti dinos,  
Sacrificas nos novos Soberanos  
De mandar saber teus cheios annos.

Permitta o Ceo que em taes trabalhos vivas  
Claro nome estendendo;  
E que as douradas horas fugitivas,  
As azas encolhendo,  
Façam que o tempo demorando o passo  
Sinta a fouce cabir do frouxo braço.

Que cem vezes raiando este bom dia  
O Oriente esclareça;  
Que imperturbavel solida alegria  
Com elle te amanheça;  
Que em naturaes ternissimos affetos  
A mão te beijem Netos de teus Netos.

Mas deixa, ó Musa, a frouxa poesia  
Para assumptos menores;  
Não profanem de Angeja a gloria, e o dia  
Importunos louvores;  
Pois inda que soubesses dirigi-los,  
Quer merece-los; mas não quer ouvi-los.

Engana-te o desejo, que te inspira,  
Reconhece o teu erro;  
Se vês, que só ajustão nesta lyra  
Negras cordas de ferro,  
Não terças, não, teu misero fadario:  
Torna ao Gamão, e ao triste Boticario.

**O D E**

*Ao Senhor D. Domingos de Assis Mascarenhas.*

**Clio** huma setta tira  
Da aljava de ouro, que pelo ar vazio  
Longe correndo fira  
Junto ao Mondego saudoso rio:  
Alli em torno ás suas margens võe,  
E por feliz tres vezes o apregõe.

As claras aguas regão  
Plantas bellas, fecundas, generosas:  
Com desvelo se empregão  
Em cultiva-las mãos industriosas:  
Quão doces fructos, quão cheirosas flores  
De taes aguas, taes plantas, taes cultores!

Ergue, illustre Mondego,  
Ergue tua cabeça sobre as agoas :  
Assás no fundo pégo  
Choraste hum tempo tuas tristes magoas!  
Olha teus campos como esmalta agora  
Em formosa união Pomona, e Flora.

Ó seio de candura,  
Mascarenhas, Tu és o alvo, a méta,  
Que anciosa procura  
Da minha Clio a empennada setta.  
Tu na alma paz, na sanguinosa guerra  
Pódes ornar a tua, e alheia terra.

Mas boa sorte mude  
Meu dito, e a outra parte te não chame  
E onde tanta virtude  
Tem a raiz, os fructos seus derrame :  
Nem menos tempo o Sol illustre, e aquent  
A quem o vio desde o seu claro oriente.

Porém, se he ordenado  
Da Providencia sabia, santa, eterna,  
Christão peito humilhado  
Adora o Summo Ser que assim governa:  
Antes se goza, e dentro n'alma estima  
Que Astro tão bello alegre mais d'hum chi-  
(ma.

Entre tanto diffunde  
Na Patria tua luz copiosa, e clara;  
Que, se logo confunde  
Os fracos olhos, depois guia, e aclara:  
Arda ante incertos pés ( e gritem vicios )  
Alta tocha, que mostre os precipicios.

Constancia! que guardado  
Está o galardão a teus suores,  
Onde em cume estrellado  
Vibra o Templo da Gloria resplandores.  
Dalli olhos não tires; que ao trabalho  
He doce viração, he fresco orvalho.

Tu, e esse Coro illustre  
De mancebos Heróes, que se obrigarão  
A dar ao mundo lustre,  
Quando o alto sangue dos Avós herdarão  
Concebei novo fogo, e novo brio  
Ouvindo onde vos chama a minha Clio.

Oh, se alguém me puzesse  
Nas margens do Mondego claro, e frio !  
Certo me não vencesse  
Cysne de Dirce sobre o patrio rio.  
Alli tão docemente vos cantára,  
Que a ouvir-me feras, montes abalára.

Mas engenho ir recusa  
Onde ir Amor, e Gratidão me incita :  
Nescia, se o esperas, Musa !  
Não corre lasso pé 'strada infinita.  
Almas illustres, havereis sómente  
O dom sincero de hum dezejo ardente.

Só mal sonora rima,  
Que sem veia forjou saudade, e zelo,  
Leráõ o amavel Lima,  
O sabio Castro, e o profundo Mello,  
Pedras, que tu mal soffres, ó Lisboa,  
Faltarem tanto tempo á tua c'roa.

*Em louvor da Saude.*

**O D E.**

Não procura palacios sumptuozos  
A brilhante Saude ;  
O seu rosto agradavel, e rizonho,  
Até aos Reis se esconde :  
Ella faz com que seja venturozo  
O roto Peregrino ,  
Se entre a negra gadelha , lhe apparece  
Hum semblante sadio.  
O Captivo Remeiro fatigado ,  
Do ardente Sol não fuja :  
Em ferros envolvido o duro corpo ,  
Trabalhe o dia inteiro :  
O queimado semblante ande banhando  
De violento suor :  
Apressado mastigue , e poucas vezes ,  
O corrupto biscoito :

Mas tenha o rosto alegre, e socegado  
Entre as duras prizões,  
Se á pallida doença não tem visto  
O macilento aspeito;  
Se com braço membrudo, e vigoroso  
Força o remo pezado.  
Inda sinto inflammarm-me em teus louvores,  
Oh Saude aprazivel!  
Tu és Filha do Ceo, Mãi da alegria,  
Dom de Deos Piedoso.  
Se os miseros mortaes expõem a vida  
Por danozas riquezas;  
Por ellas que farião, se servissem  
De te fazer propicia?  
Filha do Ceo benigno, se te déras  
Por ouro, ou fina prata,  
Eu não temêra as tempestuosas ondas  
Do fervido oceano:  
Nos occultos sertões iria entrando  
Cò'a mesma còr, nò rosto;  
Não me assustára o dente venenozo  
Da enroscada serpente:  
Do fertil oriente nos outeiros  
Cavaria anciozo,

Por ver se das entranhas te trazia  
Abundantes thesouros.  
Mas a bella Saude, he dom celeste;  
Com ouro não se compra:  
Ella foge dos impios, que se assentão  
A saborozas mezas;  
Que adormecem em leitos guarnecidos  
De preciosas sedas;  
E vai guardar, com próvido cuidado,  
O simples Pescador,  
Que sobre ásperas rochas, sem abrigo  
Aos rigorozos tempos,  
Vai nutrindo no corpo mal vestido  
Hum coração sincero;  
Que humilde sabe erguer ao Ceo piedozo  
As innocentes mãos.

**F I M.**

## I N D I C E.

## S O N E T O S.

|                                                                                                                 |            |     |
|-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------|------------|-----|
| <i>A Sua Alteza</i>                                                                                             | Pag. 3. 4. | 31. |
| <i>Sabindo Conselheiro da Fazenda o Il-<br/>lustrissimo, e Excellentissimo Sen-<br/>hor D. Diogo de Noronha</i> |            | 5.  |
| <i>Aos leques mui pequenos, chamados<br/>Marotinhos</i>                                                         |            | 6.  |
| <i>O cruel Disfarce</i>                                                                                         |            | 7.  |
| <i>Ao Illustrissimo, e Excellentissimo<br/>Senhor Visconde de Ponte de Lima,<br/>Secretario de Estado</i>       |            | 8.  |
| <i>Fazendo annos a Illustrissima, e Ex-<br/>cellentissima Senhora Marqueza de<br/>Angeja</i>                    |            | 9.  |
| <i>Aos Annos do Illustrissimo, e Excel-<br/>lentissimo Senhor Conde de Avintes</i>                              |            | 10. |

K

|                                                                                                                            |     |
|----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|-----|
| <i>Botando nas Caldas</i>                                                                                                  | 116 |
| <i>A huns Annos</i>                                                                                                        | 12. |
| <i>Ao Disfarce das Mulheres</i>                                                                                            | 13. |
| <i>A huma Camponesa</i>                                                                                                    | 14. |
| <i>A huma Dama interesseira</i>                                                                                            | 15. |
| <i>Ao faustissimo dia da Inauguração da<br/>Estatua Equestre d'El-Rei Fidelis-<br/>simo o Senhor D. José I.</i>            | 16. |
| <i>Descripção de Badajoz</i>                                                                                               | 17. |
| <i>A' Serenissima Princeza entrando no<br/>banho</i>                                                                       | 18. |
| <i>Levantando-se o Author da meza de<br/>hum Grande por serem horas de ir<br/>para a Aula</i>                              | 19. |
| <i>Ao Illustrissimo, e Excellentissimo<br/>Senhor Marquez de Penalva, cha-<br/>gando o Author á Quinta das La-<br/>pas</i> | 20. |
| <i>Descripção de hum Peralta emalte-<br/>zado</i>                                                                          | 21. |
| <i>Aos Annos do Serenissimo Principe N.<br/>Senhor</i>                                                                     | 22. |
| <i>A hum Leige Arrahida vesga</i>                                                                                          | 23. |
| <i>Aos Toucados altos</i>                                                                                                  | 24. |

|                                                                               |     |
|-------------------------------------------------------------------------------|-----|
| <i>Mettendo a ridiculo humas Contradanças</i>                                 | 25. |
| <i>Por occasião de estranharem ao Author hum sonho que a ninguem offendia</i> | 26. |
| <i>A' moda dos Chapéos maiores da marca</i>                                   | 27. |
| <i>A's Fivelas chamadas à la Chatte</i>                                       | 28. |
| <i>A huma Velha presumida</i>                                                 | 29. |
| <i>Aos Annos de huma formosa Dama</i>                                         | 30. |
| <i>A hum Padre Guardião</i>                                                   | 32. |
| <i>Em louvor de Coporalini, Actor do Theatro de S. Carlos</i>                 | 33. |
| <i>Achando-se o Author prezo dos bellos olhos de Marcia</i>                   | 34. |
| <i>Sobre a Ingratidão de hum Dama</i>                                         | 35. |
| <b>CANTIGAS feitas nas Caldas</b>                                             | 36. |
| <b>ENDEGHAS</b>                                                               | 39. |

## D E C I M A S.

|                                                            |     |
|------------------------------------------------------------|-----|
| <i>Em dia dos annos do Illustrissimo Principal Almeida</i> | 45. |
|------------------------------------------------------------|-----|

|                                                                                   |                 |
|-----------------------------------------------------------------------------------|-----------------|
| Mote : <i>Olhos de Lixe , olhos bellos ,</i> &c.                                  | 47.             |
| Mote : <i>Tu teimas em desprezar-me ,</i> &c.                                     | 50.             |
| Mote : <i>Não sei que quer a desgraça ,</i> &c.                                   | 53.             |
| Mote : <i>Os meus olhos a chorar</i>                                              | 56.             |
| Mote : <i>Já disse tudo a Cupido</i>                                              | 57.             |
| Mote : <i>Distancias , e saudades</i>                                             | 58.             |
| Mote : <i>Cantarei alegres penas ,</i> &c.                                        | 59.             |
| Mote : <i>Nada no mundo figura ,</i> &c.                                          | 60.             |
| Mote : <i>Amor para me prender ,</i> &c.                                          | 61.             |
| Mote : <i>A minha felicidade</i>                                                  | 62.             |
| Mote : <i>Quem adora occultamente</i> &c.                                         | 63.             |
| Mote : <i>Nos olhos o amor explico ,</i> &c.                                      | 66.             |
| Mote : <i>Por passos sem esperança ,</i> &c.                                      | 69.             |
| Mote : <i>Eu já tenho experimentado</i><br>&c.                                    | 70. 71.         |
| Mote : <i>Ouvi , ó Senhora , ouvi ,</i> &c.                                       | 72.             |
| Mote : <i>Hei de amar-te até á morte ,</i> &c.                                    | 75.             |
| Mote : <i>Toda a Mulher he perjura</i>                                            | 78.             |
| Mote : <i>De mil suspiros que eu dou</i>                                          | 80.             |
| <i>Ao Illustrissimo , e Excellentissimo</i><br><i>Senhor Marquez de Penalva</i>   | 79. 81.         |
| <i>Ao Illustrissimo , e Excellentissimo</i><br><i>Senhor Conde de Villa Verde</i> | 82. 84. 87. 94. |
| <i>Vagando hum Officio que o A. pertendia</i>                                     | 88.             |

|                                                                 |     |
|-----------------------------------------------------------------|-----|
| <i>Ao Doutor Joaquim Ignacio Seixas ;<br/>Medico das Caldas</i> | 89. |
| <i>A hum Prégador celebre</i>                                   | 90. |
| <i>Carta a Lourenço da Mota ; Offtial<br/>da Secretaria</i>     | 91. |

Q U A D R A S.

|                                    |     |
|------------------------------------|-----|
| <i>Ao Juiz do Crime de Andaluz</i> | 95. |
| <i>Memorial a Suas Altezas</i>     | 98. |

Q U I N T I L H A S.

|                                                                                                   |              |
|---------------------------------------------------------------------------------------------------|--------------|
| <i>No dia dos Annos do Illustrissimo, e<br/>Excellentissimo Senhor Conde de Vil-<br/>la Verde</i> | 103.         |
| <i>Em louvor de huma Senhora<br/>Quixotada.</i>                                                   | 106.<br>114. |

## O D E S.

|                                              |             |
|----------------------------------------------|-------------|
| <b>A SS. Magestades , no dia da</b>          |             |
| <b>Acclamação da Rainha N. Senhora</b>       | <b>122.</b> |
| <b>No dia dos Annos do Illustrissimo , e</b> |             |
| <b>Excellentissimo Senhor Marquez de</b>     |             |
| <b>Angeja</b>                                | <b>132.</b> |
| <b>Ao Senhor D. Domingos de Assis</b>        |             |
| <b>Mascarenhas</b>                           | <b>137.</b> |
| <b>Em louvor da Saude</b>                    | <b>142.</b> |

( 150 )

O D E S.

|                                                                                                   |  |
|---------------------------------------------------------------------------------------------------|--|
| <i>À SS. MAGESTADES, no dia da<br/>Acclamação da Rainha N. Senhora 182.</i>                       |  |
| <i>No dia dos Annos do Illustrissimo, e<br/>Excellentissimo Senhor Marquez de<br/>Azeija 132.</i> |  |
| <i>Ao Senhor D. Domingos de Assis<br/>Mascarenhas 137.</i>                                        |  |
| <i>Em louvor da Saude 142.</i>                                                                    |  |